

Brasil

Da Prosperidade ao Propósito

Perspectivas sobre a Filantropia e Investimento Social Privado
na América Latina



Brasil em resumo

População

200,4 milhões

PIB

US\$2,246 trilhões

Taxa de crescimento do PIB

2,5%

PIB per capita

US\$11.208

Índice de Gini

52,7 (2012)

Índice de Desenvolvimento Humano PNUD

0,744 (79º de 187 países)

Índice de Progresso Social

69,97 (46º de 132 países)

Taxa de pobreza a US\$4/dia

23,8% (2011)

Taxa de pobreza a US\$2/dia

8,2% (2011)

Taxa de pobreza abaixo da linha da pobreza nacional

8,9%

Taxa de desemprego (do total da força de trabalho, estimativa nacional)

6,7% (2011)

Dados do Banco Mundial e para 2013, a menos que indicado de forma diferente.

Brasil: Contexto do país

Com um PIB de US\$2,246 trilhões em 2013, o Brasil é a sétima maior economia do mundo.¹ É o maior país em termos de área e de população em toda a América Latina, e é rico tanto em recursos naturais como em recursos humanos. Quando o regime militar de 20 anos terminou em 1984, o país iniciou o atual período de democracia e liberalização econômica. Ao longo dos últimos 30 anos, o governo instituiu inúmeras políticas para promover o crescimento econômico e reduzir os gastos públicos. Apesar do arrefecimento da economia em 2011 e 2012, quando o crescimento do PIB desacelerou de 7,5% para 0,9%, as últimas duas décadas testemunharam um firme crescimento econômico, com significativas melhorias no bem estar social.²

O crescimento econômico do país acarretou aumentos concomitantes na riqueza privada, que está altamente concentrada em uma pequena parcela da população. Segundo dados do World Wealth Report de 2013, existem 172,000 HNWLs no Brasil, detendo mais de US\$4 trilhões em riquezas.³ No mesmo ano, a Forbes citou 124 bilionários no Brasil. Sua riqueza conjunta foi relatada em R\$544 bilhões (US\$206 bilhões), ou quase 10% do PIB brasileiro de 2013⁴. Juntas, as 15 famílias mais ricas no Brasil têm um patrimônio estimado em US\$122 bilhões, ou aproximadamente 5% do PIB do país⁵. Muitas das maiores empresas do Brasil (inclusive 6 dos 10 maiores conglomerados) são controladas por famílias.

Ao longo da última década, a pobreza no Brasil caiu drasticamente. Isso é atribuído, de um modo geral, às políticas econômicas nacionais focadas em crescimento e ao programa *Bolsa Família*, o maior programa de transferência condicional de dinheiro, que alcançou aproximadamente um quarto da população total do país⁶. De 2003 a 2009, o número de Brasileiros vivendo na pobreza (com menos de US\$4 por dia) caiu mais de 15%, passando para 27%. E a taxa dos que vivem em extrema pobreza (com menos de US\$2 por dia) despencou de 19% para menos de 10% no mesmo período⁷. No entanto, enquanto o modo de vida melhorou de um modo geral, o Brasil continua a registrar enormes disparidades de renda. O índice de Gini do Brasil, de 52,7, é o segundo maior na América Latina e o 14º maior do mundo⁸. Embora a liberalização econômica tenha impulsionado o setor empresarial, os ganhos pessoais foram desiguais e as políticas fiscais e sociais do país não mitigaram as desigualdades econômicas e sociais.

Filantropia e investimentos sociais no Brasil: Principais características e tendências

Séculos de tradições culturais, normas religiosas, influências políticas e condições econômicas influenciaram de forma significativa o ambiente atual para doações e investimentos sociais no Brasil. Nas últimas décadas, cortes severos nos serviços governamentais, reformas políticas generalizadas e mudanças nas políticas do governo redefiniram os papéis e as responsabilidades entre o estado, o mercado e a sociedade civil. Essas mudanças criaram, geralmente, mais espaço para pessoas e organizações sem fins lucrativos serem mais ativos e engajados no desenvolvimento social do país. Ao mesmo tempo, fundações internacionais vêm tentando deliberadamente promover e influenciar a sociedade civil e a filantropia. Mais recentemente, a estabilidade política do Brasil, o firme progresso econômico e a acumulação de riqueza pessoal criaram as bases para o crescimento filantrópico. Apesar de o ambiente para filantropia continuar a evoluir, várias características e tendências-chaves do quadro filantrópico são notáveis.

Escala e escopo das doações é desconhecida

Como na maioria dos países, a escala e o escopo das doações privadas e dos investimentos sociais no Brasil é desconhecida; não existem dados abrangentes sobre doações individuais ou institucionais no país. No entanto, apesar da falta de dados e análises, há um consenso geral de que as doações privadas estão crescendo, tornando-se mais institucionalizadas e cada vez mais abordando os desafios sociais do país.

Em um censo realizado em 2012 pelo *Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE)*, os afiliados relataram investimentos sociais totalizando aproximadamente R\$2,2 bilhões (US\$833 milhões) e indicaram um crescimento estável, em geral, em níveis de doações⁹. Os afiliados do GIFE compreendem basicamente fundações empresariais e aquelas das maiores cidades brasileiras e, como a gerente de relações do GIFE Ana Carolina Velasco indica, os investimentos sociais realizados por famílias privadas e em outras partes do país são relativamente desconhecidos e provavelmente subestimados. Adicionalmente, uma pesquisa de 2001 estimou que quase metade das instituições que fazem doações no Brasil foi fundada na década anterior.¹⁰

Muitos acreditam que os investimentos sociais privados estão prontos para continuar crescendo. Enquanto o progresso econômico do país e consequente aumento da riqueza pessoal devem se manter, as persistentes desigualdades econômicas e sociais continuam sendo uma preocupação crescente. Do lado positivo, um número cada vez maior de investidores sociais está demonstrando o potencial para ações privadas para abordar os desafios do país, e existe uma infraestrutura crescente para apoiar, estimular e promover em favor do setor filantrópico.

Ambiente político e regulatório visto como desafiador

Em grande parte, o Brasil tem um ambiente regulatório favorável para o amplo engajamento da sociedade civil e cívica, mas a legislação e os incentivos não promovem as doações filantrópicas.

A emergência da democracia pós 1984 e a liberalização econômica anunciavam o crescimento da sociedade civil no Brasil. Reconhecendo que o governo não conseguia atender as necessidades de todos os cidadãos, o governo, empresários e a sociedade civil se empenharam crescentemente em discussões sobre o papel do engajamento privado. Como resultado, o escopo permissível de atividades da OSC (*Organização da Sociedade Civil*), em termos de prestação de serviços e promoção de políticas, expandiu significativamente. O número de OSCs triplicou entre 1990 e 2000 e, atualmente, o número de organizações sem fins lucrativos está estimado em torno de 290.000 entidades¹¹. Pelo menos dois terços dessas organizações têm menos de 20 anos, e mais de 40% estão localizadas nas principais cidades do sudeste¹².

O diretor do GIFE, Andre Degenszajn, descreve as políticas regulatórias e fiscais do Brasil como extremamente desafiadoras para a criação de um ambiente favorável para a filantropia, em especial para as doações individuais. As pessoas podem contribuir para projetos em um número restrito de áreas, tais como cultura, esportes e crianças; e essas contribuições estão limitadas a 6% do imposto de renda a ser pago¹³. A falta de incentivos fiscais individuais é agravada por desincentivos fiscais: um imposto estadual de aproximadamente 4% da contribuição se aplica a todos os doativos acima de US\$25.000¹⁴.

“Quando você olha nossa árvore genealógica, muitos eram filantropos; estavam sempre ajudando outros menos afortunados.”

Ana Lucia Villela

Paula Fabiani, CEO do *Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS)*, ressaltou que a legislação a respeito da criação de fundos patrimoniais era particularmente desafiadora. Além do imposto estadual obrigatório, a criação de uma instituição a partir de fundos patrimoniais é administrativamente onerosa e, mesmo depois de constituída, não está totalmente protegida. Por exemplo, o governo tem o direito de mudar os curadores e, dessa forma, influenciar a missão e a direção da instituição¹⁵. Dirigida pelo IDIS, os líderes filantrópicos no Brasil estão atualmente defendendo uma legislação mais favorável, que conceda melhores incentivos fiscais e proteja os fundos patrimoniais filantrópicos.

Grande diferença entre caridade e investimento social

Existe uma grande diferença entre caridade e investimentos sociais no Brasil. De fato, muitas pessoas sugeriram que os dois coexistem, mas têm pouca coisa em comum. Caridade (e filantropia para alguns) é compreendida como um alívio de curto prazo: uma forma de aliviar o sofrimento e atender as necessidades imediatas dos pobres. Investimento social está relacionado a investimentos de recursos financeiros e outros para abordar problemas sistêmicos e criar mudanças positivas e de longa duração. A maioria das pessoas entrevistada via tanto a caridade como o investimento social como necessários, porém diferentes.

A diferença está relacionada em parte aos padrões históricos de doações. Da colonização por Portugal em 1500 até o século XIX, as atividades filantrópicas estavam predominantemente associadas à Igreja Católica. Pessoas e famílias com patrimônio elevado faziam doações para a Igreja para sustentar seus serviços nas áreas de educação, saúde e social para os pobres. No século XX, algumas famílias com patrimônio elevado constituíram as primeiras fundações privadas do país. Essas fundações também tendiam a se concentrar na prestação de serviços diretamente para os desfavorecidos, basicamente para as famílias dos empregados e para as comunidades nas quais eles trabalhavam.

Nos anos noventa, escândalos de corrupção envolvendo o governo e algumas organizações da sociedade civil manchou a palavra “*filantropia*” para muitas pessoas. A filantropia passou a ser vista, por muitos, como forma potencial de evasão fiscal. Hoje, a maioria das pessoas ainda parece associar caridade e filantropia com assistência imediata aos pobres, e algumas pessoas acham que essa forma de doar, enquanto não se buscam soluções sistêmicas, mantém e reforça as iniquidades sociais.

Setor empresarial, líder em investimentos sociais

Há uma percepção geral de que o investimento social no Brasil ocorre em grande parte na esfera empresarial, e que esse setor continuará a ser a força motora para o investimento social. Ao mesmo tempo, reconhece-se largamente que a diferença entre doações empresariais e privadas é imprecisa, uma vez que é difícil separar filantropia empresarial e familiar em empresas controladas por famílias, nas quais os membros da família dirigem tanto as atividades empresariais como as filantrópicas. De fato, entre os entrevistados, nem sempre havia consenso sobre a classificação de uma determinada fundação como empreendimento empresarial ou familiar.

Vários motivos são dados para explicar a dominância empresarial no setor filantrópico. Conforme indicado acima, as pessoas são mais oneradas por normas e recebem menos incentivos fiscais para doações do que empresas. Em uma economia global, os dirigentes empresariais são expostos a ideias em evolução sobre a responsabilidade social corporativa, tanto como dever como uma sólida estratégia empresarial. No Brasil, as OSCs (*organizações sociais corporativas*) pressionaram as empresas brasileiras, particularmente as das indústrias extrativas, para abordar o impacto social e comunitário de suas empresas.

Apesar dessas questões e desafios, parece que existe um significativo engajamento individual e familiar no investimento social. A afiliação não empresarial ao GIFE está aumentando e inclui agora 20 fundações familiares. Entre a amostra limitada deste estudo, a maior parte das pessoas está envolvida com instituições de investimento social que não têm uma relação formal com uma empresa. Também, conforme mencionado antes, pode haver um investimento social privado significativo em outras regiões do país.

Infraestrutura de Apoio a Doações e Investimentos Sociais

Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE). Criado em 1989, o GIFE conta, agora, com mais de 130 membros participantes, contribuindo aproximadamente R\$2,2 bilhões (US\$833 milhões) para o bem social através de operações de programas, financiamento filantrópico e outros investimentos sociais. O GIFE opera com a missão de *“aperfeiçoar e difundir conceitos e práticas do uso de recursos privados para o desenvolvimento do bem comum”*. O grupo promove o crescimento e desenvolvimento estratégico do setor filantrópico do Brasil através de várias atividades: o Congresso GIFE (conferência bienal da entidade), eventos de aprendizado e de networking, defesa de um ambiente jurídico mais amigável, e publicações para desenvolver e aprimorar a prática da filantropia.

Instituto Azzi. Partindo do desejo de reduzir as disparidades econômicas e estimular investimentos eficazes no setor social, o filantropo brasileiro Marcos Flávio Azzi fundou o *Instituto Azzi* para *“melhorar e promover a cultura de doação no Brasil, com uma visão estratégica e foco em resultados”*. O Instituto Azzi ajuda pessoas e famílias a criar um impacto social positivo através de um processo estratégico rigoroso, começando com as motivações e metas do doador, desde a identificação, habilitação e recursos de uma organização de alta performance. Esses serviços procuram desenvolver e elevar a prática de doações e, em última análise, alcançar o desenvolvimento social e ambiental no Brasil.

Instituto Geração. Fundado por Daniela Nascimento Fainberg, o Instituto Geração é uma organização sem fins lucrativos, que incentiva e apoia a nova geração de pessoas privilegiadas para repensar seus papéis e práticas com relação à mudança social. O Instituto procura ampliar e aprofundar a compreensão das realidades sociais do Brasil para as pessoas, e ajudá-las a identificar como aplicar suas paixões, motivações, metas e capacidades para melhorar o mundo ao seu redor. Ao convidar pessoas para repensar suas práticas, o Instituto as ajuda a alinhar sonhos e valores com ação social, encontrando novas oportunidades para HNWIs se engajarem em mudanças sociais de onde estiverem.

Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS). Há mais de 15 anos, o IDIS vem coordenando pesquisas, promovendo oficinas e conferências, e provendo técnica especializada em apoio a seus compromissos para o desenvolvimento social privado. Com o *Global Philanthropy Forum* (Fórum Global de Filantropia), o IDIS organizou o Fórum Brasileiro de Filantropia anual desde 2012, para gerar conexões e conversas sobre o setor filantrópico do país, juntando mais de 100 investidores sociais de todo o país. O IDIS também divulgou um filme documentário em 2013 – *Planejamento Estratégico – O Futuro é Agora* – destacando as motivações, esforços e práticas dos filantropos brasileiros.

Worldwide Initiatives for Grantmaker Support (WINGS). Instituição global lançada em 2000, a WINGS institucionalizou suas operações em 2010, ao fundar sua sede em São Paulo, Brasil, para coordenar sua vasta rede de participantes, representando 54 países. A WINGS realiza pesquisas profundas sobre questões filantrópicas, reúne e fornece a filantropos ao redor do mundo uma comunidade de práticas, em um esforço de construir uma forte comunidade global de filantropos. Apesar de o trabalho da WINGS não estar concentrado particularmente no Brasil, sua decisão de se lançar no Global South foi estratégica, de acordo com sua diretora executiva Helena Monteiro, em *“representando grupos de filantropos ali e desenvolvendo contatos na América Latina, na Ásia e na África”*¹⁶

Forte infraestrutura para apoiar o investimento social

Existem, no Brasil, diversas organizações e plataformas que sustentam e promovem doações e investimentos sociais, e essa infraestrutura parece estar se expandindo e diversificando. Dois grupos proeminentes, o *GIFE* e o *IDIS*, foram constituídos em 1989 e 1999, respectivamente, e ajudaram a desenvolver o setor e sua visibilidade há muitos anos. Outras organizações foram criadas desde então e, coletivamente, fornecem uma série de recursos e serviços. Para pessoas e instituições, elas

prestam serviços individualizados e apoio, oportunidades para aprender com os pares e com especialistas o potencial de explorar a colaboração. Elas também são críticas para o desenvolvimento do setor, defendendo um ambiente jurídico mais favorável e desenvolvendo a base do conhecimento dos investimentos sociais.

Motivações e influências filantrópicas

Na pesquisa deste estudo, as motivações identificadas para doações foram diversas, porém elas normalmente se situavam em quatro grandes áreas: valores da família, responsabilidades sociais e morais, paixão e uma preocupação com o futuro do Brasil, com as pessoas sendo motivadas frequentemente por uma combinação desses fatores. E enquanto a religião era frequentemente citada como forte influência para as doações no Brasil, ela não foi citada frequentemente entre os participantes do estudo. Quando perguntadas, algumas pessoas concordaram que era um importante componente de valores familiares.

Doações refletem e reforçam valores familiares

Quase todas as pessoas entrevistadas ressaltaram a forte influência de valores familiares, tradições e educação em suas doações. Mais de 75% dos entrevistados identificaram os valores familiares como sendo importantes ou muito importantes. O valor mais identificado foi a importância de ajudar os necessitados. Especialmente entre aqueles que vêm de famílias com patrimônio elevado, muitos citaram o impacto de modelos, incluindo pais, avós e outros membros da família, na formulação de sua atividade filantrópica.

A filantropia sempre foi descrita como forma de intencionalmente reforçar as ligações e os valores familiares. Diversas pessoas observaram que, durante muitas décadas, uma empresa pertencente a uma família ou por ela dirigida, mantinha as famílias ligadas e trabalhando juntas. Hoje, algumas dessas empresas estão sendo vendidas, ou a geração mais jovem está menos envolvida com a empresa. Portanto, fazer doações através de uma fundação ou outra estrutura institucional pode ser particularmente importante para manter os vínculos familiares, reforçar valores e conectar-se com as gerações mais jovens. Dario Guarita Neto, membro da terceira geração da *Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV)*, explicou que, quando seu avô faleceu, a empresa da família foi vendida. *“A Fundação tornou-se um mecanismo para unir a família. Todo mundo está animado e orgulhoso com a Fundação.”* A fundação estabeleceu propositadamente estruturas de governança para incluir a família ampliada e múltiplas gerações.

Além disso, doações filantrópicas são vistas por algumas pessoas como um legado. Mais de 75% dos entrevistados identificaram o legado como motivador importante ou muito importante. Com relação ao ponto acima, Daniela Nascimento Fainberg, uma conselheira filantrópica para famílias e pessoas e fundadora do *Instituto Geração*, observou que, historicamente, as empresas eram legados familiares: quando vendida, uma fundação familiar pode se tornar uma forma inovadora de criar uma herança familiar duradoura.

Um forte senso de responsabilidade social e obrigação moral

Quase todos os entrevistados no Brasil expressaram a crença de que fazer doações é uma responsabilidade social e moral, e 100% dos entrevistados identificaram a responsabilidade como sendo um motivador importante ou muito importante. Isso parece incluir conceitos de dever, consciência, obrigações – e às vezes culpa – daqueles economicamente privilegiados para ajudar os necessitados. Para muitos que cresceram em meio a muita riqueza, existem questionamentos como “por que eu?”, quando tantos outros sofrem. Para as pessoas cujas doações estão ligadas a uma empresa, há o senso de responsabilidade de retribuição às comunidades nas quais a empresa opera.

Paixão pessoal impulsiona doações

Muitos entrevistados sentiam um compromisso profundo com uma questão, causa ou população específica. Quase 90% dos entrevistados indicaram que eles eram motivados por *“uma forte conexão a uma ou mais causas ou questões”*. Nossa paixão pode frequentemente estar diretamente relacionada a uma experiência pessoal, como uma doença ou tragédia de uma pessoa da família, ou por uma experiência inspiradora.

Filipe Sabara, fundador da ONG *Associação de Resgate à Cidadania por Amor à Humanidade (ARCAH)*, descreveu como as experiências da primeira infância desenvolveram sua paixão para ajudar os que enfrentavam uma aguda necessidade, em especial os sem teto e os deficientes mentais. Essa paixão foi reforçada e alimentada pelas pessoas que ele encontrou – tanto as necessitadas como as pessoas comprometidas a ajudá-las – e foi profundamente moldada por uma visita a San Patrignano, uma comunidade de reabilitação de drogados na Itália. Essas experiências contribuíram para a constituição da ARCAH por Sabara, uma iniciativa ambiciosa que provê habitação, serviços e reabilitação aos necessitados.

“Fui muito influenciado por minha mãe, que estava sempre envolvida no movimento das ONGs no Brasil.”

Dario Guarita Neto

“[Estamos] comprometidos com nosso país, com todas as suas pessoas, e com a diminuição da distância entre ricos e pobres.”

Viviane Senna

“As pessoas estão começando a abraçar seus papéis de cidadão e a tomar parte na sociedade. Vejo as famílias muito mais preocupadas com investimentos que ajudarão a desenvolver o Brasil.”

Bernadette Coser

José Carlos Reis de Magalhães, Presidente e CEO da *Tarpon Investimentos*, falou sobre sua paixão e compromisso de alinhar todos os aspectos da *Tarpon Investimentos* com a criação de um impacto social positivo para empregados e para as comunidades nas quais eles trabalham. Ele não fez nenhuma distinção entre investimento empresarial e social, dizendo: “*Temos que inverter a lógica. Não podemos pensar primeiro em dinheiro e depois como vamos retribuir. Precisamos começar com valores e com o que queremos alcançar, e só aí pensar em como fazer lucros.*”

Contribuindo para o crescimento sustentável do Brasil

Valores familiares, responsabilidade e paixões pessoais podem ser os pilares para as doações, porém para muitos essas motivações parecem nascer da crença que, como indivíduos, eles podem e devem contribuir para o futuro do Brasil. As pessoas expressaram uma forte confiança na direção do país, uma profunda preocupação com os desafios que o país enfrenta, em especial a pobreza e a iniquidade, e a crença de que o estado não é capaz de resolver esses desafios sozinho. Ademais, externaram a opinião de que as pessoas ricas, com capacidade de contribuir, devem trabalhar ativamente para abordar esses desafios e contribuir para a estabilidade e o sucesso do país.

Um bom presságio para a filantropia no Brasil é o orgulho expressado pelas pessoas sobre o crescimento econômico do país em décadas recentes, assim como seu desejo de que o Brasil venha a se tornar uma forte nação e um protagonista global. Ao mesmo tempo, o número absoluto de pessoas que vivem na pobreza e a enorme desigualdade entre os ricos e os pobres são largamente vistas como “*moralmente erradas e ruins para o país*”, como descreveu um entrevistado. Osmar Zogbi, membro do conselho consultivo do Instituto Ayrton Senna, enfatizou que “*a pobreza e as desigualdades sociais permanecem enormes. Cabe a nós trabalharmos para a erradicação final da pobreza no Brasil. Precisamos continuar a lutar por um mundo mais justo*”. Da mesma forma, Viviane Senna, presidente do Instituto, destacou que ela e sua família estão “*comprometidos com nosso país, com todas as suas pessoas, e com a diminuição da distância entre ricos e pobres*”.

Para alguns, suas visitas a outros países instigaram-lhes ou reforçaram suas visões sobre a importância de ser um cidadão global. Diversos observaram a influência de tal exposição a novas ideias, particularmente a conceitos como empreendedorismo e engajamento cívico. Como disse Bernadette Coser, presidente da *Fundação Otacílio Coser*, “*As pessoas estão começando a assumir seus papéis como cidadão e a fazer parte da sociedade. Vejo famílias que estão muito mais preocupadas com investimentos que ajudarão o desenvolvimento do Brasil*”.

Metas empresariais raramente mencionadas

As motivações e metas empresariais foram raramente mencionadas nas entrevistas, mesmo quando as pessoas foram solicitadas a considerá-las. Bernadette Coser pensou sobre essa questão: “*Nossa família sempre falou diretamente sobre isso. No começo, havia confusão entre as doações da empresa e as da família, com ambas, empresa e família, fornecendo os recursos. Há cinco anos, decidimos que a fundação seria mantida apenas pelas empresas, mas que ela refletiria os valores da família.*”

Talvez notavelmente, entre os entrevistados nenhuma pessoa identificou preocupações da empresa como motivação. Enquanto isso se deve, provavelmente, em parte à composição e tamanho do grupo pesquisado, é bom notar, considerando a ênfase de doações empresariais no Brasil.

Prioridades e propósitos filantrópicos

Reconhecendo as motivações identificadas e, particularmente, o desejo de ajudar a construir um Brasil equitativo e estável, não é de se surpreender que muitas pessoas concentram seus investimentos sociais em iniciativas que elas consideram serem chaves para a transformação do Brasil, ou seja, a redução das iniquidades do país, particularmente investimentos em educação e desenvolvimento comunitário. Muitos dos entrevistados também enfatizaram o meio ambiente, energia e empreendedorismo social como prioridades. Outras prioridades entre os entrevistados incluíram o desenvolvimento na primeira infância e justiça.

Em termos de população atendida, os entrevistados indicaram um foco em crianças e adolescentes (74%), primeira infância (37%) e pessoas vivendo na pobreza (26%). Com relação ao foco geográfico, no agregado, perto de 25% de seus investimentos apoiam a sua comunidade mais próxima, com perto de 60% concentrando-se em programas fora de suas comunidades (embora todas no Brasil). Porcentagens menores apoiavam comunidades nas quais suas empresas operavam iniciativas em outros países.

Educação como chave para oportunidades pessoais e para o desenvolvimento nacional

Com a meta de estender educação de qualidade a todos os brasileiros, investimentos no ensino fundamental e médio constituem uma prioridade para a grande maioria das pessoas que participaram deste estudo. A educação foi vista como crítica para o bem estar das pessoas, ampla mudança social e desenvolvimento nacional. Quase sem exceções, as iniciativas educacionais identificadas através desta pesquisa focavam na educação de qualidade equitativa. A educação é uma prioridade atual para doações para 70% dos entrevistados, e acima de 90% indicaram que o ensino fundamental e médio deveria ser a prioridade número 1 para a filantropia no país. Em uma pesquisa realizada pelo *GIFE* sobre as atividades de 2011–2012, 87% dos afiliados disseram que fazem investimentos sociais em apoio à educação¹⁷.

As pessoas e suas instituições filantrópicas usam uma variedade de estratégias para abordar a qualidade e o acesso à educação, incluindo desenvolvimentos institucionais e treinamento profissional, desenvolvimento e distribuição de inovações educacionais e apoio a alunos individuais.

Melhorias nas instituições educacionais

Diversas pessoas e investidores sociais estão trabalhando para melhorar as escolas públicas no Brasil, para prover igual acesso, qualidade e oportunidade a todas as crianças em idade escolar.

Viviane Senna descreveu o foco do *Instituto Ayrton Senna* na redução da desigualdade educacional e na criação de oportunidades. Após a trágica morte do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, em 1994, a família constituiu o Instituto para ajudar as crianças de famílias carentes e crianças de rua. O Instituto concentra-se em melhorar o sistema educacional através de um treinamento de professores de ampla escala. Viviane reconhece o desafio fundamental de escala, e o Instituto procura formas de adotar uma mentalidade do setor privado em torno de escalabilidade e inovação no setor educacional. O Instituto gastou aproximadamente US\$45 milhões e ajudou 1,3 milhão de crianças.

Carol Civita, membro do conselho da Fundação Victor Civita, criada em 1985, falou a respeito do compromisso da Fundação de desenvolver as capacitações de professores da escola fundamental e dos gestores das escolas. A Fundação publica uma revista ímpar e de influência para professores, que conta com uma tiragem de quase 2 milhões de exemplares, sendo a segunda maior revista em termos de circulação no país. Em uma pesquisa feita como parte do relatório anual de 2013 da Fundação, 76% dos professores responderam que mudaram suas práticas de sala de aula após terem lido a revista, e 68% usaram-na como referência para o planejamento das aulas¹⁸. A Fundação também distribui prêmios anuais para projetos inovadores submetidos por professores, e esses prêmios sempre aprimoram as capacidades dos professores através do financiamento de cursos de desenvolvimento profissional no Brasil e no exterior.

“Quais são os três tópicos mais prioritários para a filantropia? Educação, educação e educação.”

Anônimo

“Educação é transformadora, para a pessoa, para a família e para o país.”

Bernardo Gradin

Bernardo Gradin e sua família constituíram o *Instituto Inspirare* em setembro de 2011, com o grande compromisso de melhorar a qualidade da educação no Brasil, através da inovação e do empreendedorismo. O Instituto aborda quatro frentes, duas das quais estão voltadas a aprimoramentos no nível da escola: o programa *Bairro-Escola Rio Vermelho* está desenvolvendo um modelo de educação holística dirigido pela comunidade, que está inspirando uma renovação na educação da cidade de Salvador, enquanto o programa *Educação Pública Inovadora* dá apoio a múltiplas escolas que querem renovar seus processos de ensinar e aprender.

Investimentos em inovações educacionais

Alguns investidores também estão focados no desenvolvimento e disseminação de inovações, visando prover acesso à educação e oportunidades para uma grande faixa de jovens brasileiros, particularmente aqueles que poderiam não ter acesso à educação de qualidade.

Uma das quatro frentes do *Instituto Inspirare* é a *Iniciativa Porvir*. *Porvir*, significa “por um futuro de bem estar para todas as pessoas”, funciona como uma agência de notícias, que levanta e troca informações globais sobre inovações educacionais, para ajudar a informar o Brasil e inspirar políticas, programas e investimentos que melhorem a qualidade da educação no país. A iniciativa mapeia práticas, ferramentas, pesquisas e pessoas investidas em inovações e educação no Brasil e no exterior. A equipe brasileira trabalha com uma rede internacional de voluntários ou satélites para ajudar a identificar experiências, em cada estágio de implementação, que sejam capazes de inspirar ideias e soluções para os desafios educacionais no Brasil¹⁹. Outra frente é o programa *Iniciativas Empreendedoras*. Esse programa promove e incentiva empresas sociais que propõem soluções inovadoras para aumentar o acesso e melhorar a qualidade de oportunidades educacionais, principalmente para aqueles que estão na base da pirâmide social. O programa objetiva encorajar um contingente cada vez maior de empreendedores sociais brasileiros. Além do investimento financeiro, o programa provê apoio para superar barreiras, como a falta de conscientização do contexto educacional brasileiro e/ou a falta de conhecimento e experiência em áreas críticas para o sucesso de empresas. O programa também oferece uma rede de contatos com investidores, parceiros e fornecedores potenciais²⁰.

“Temos um país que foi construído para poucas pessoas; não para todos. Estamos comprometidos com nosso país e com o fechamento do fosso entre ricos e pobres. Educação é o meio de fazê-lo.”

Viviane Senna

Em 2002, um dos mais renomados empresários no Brasil, Jorge Paulo Lemann, constituiu a *Fundação Lemann* como fundação familiar, focada na melhoria da qualidade do ensino público no Brasil. A *Fundação Lemann* também tem um grande foco na inovação educacional voltada para melhorar o acesso à informação sobre a qualidade do ensino público no Brasil. A Fundação também apoia os esforços ambiciosos de prover amplo acesso a conteúdos educacionais de qualidade, inclusive financiando a tradução para o português das miniconferências da *Khan Academy*, uma organização baseada nos Estados Unidos e plataforma virtual que fornece vídeos gratuitos de conferências educacionais para uma audiência global. Esses vídeos alcançam agora 10.000 alunos de escolas públicas no Brasil. Em 2013, a Fundação formou parcerias com o Google Brasil e a sua plataforma YouTube Edu, para trazer a professores e alunos mais de 12.000 lições educacionais de vídeo em português²¹. A Fundação também apoia o desenvolvimento de um portal de dados de livre acesso, para localizar informações confiáveis sobre o ensino no Brasil.

Foco na oportunidade individual

Jorge Paulo Lemann também apoiou centenas de alunos através da *Fundação Lemann* e de uma segunda fundação, a *Fundação Estudar*. Criada em 1991 com os empresários Marcel Telles e Beto Sicupira, a *Fundação Estudar* concede bolsas de estudo e acesso ao ensino superior a alunos academicamente talentosos e jovens profissionais, para estudar nas melhores universidades do mundo, em programas de graduação e intercâmbio cultural.

Estratégia comunitária importante para muitos

Alguns investidores sociais e algumas fundações têm um foco baseado em localidade que inclui educação como um dos muitos elementos de uma abordagem integrada de desenvolvimento comunitário. Entre os entrevistados, o desenvolvimento comunitário foi a segunda maior prioridade depois de educação, com 40% dando suporte a essa área. 37% dos entrevistados achavam que ela deveria ser uma prioridade filantrópica no país, no futuro. Na pesquisa entre os afiliados do *GIFE*, 54% dos entrevistados operam ou apoiam programas em desenvolvimento comunitário²².

“Meu principal foco é o futuro do meu país.
Para alcançar esse objetivo, precisamos
começar com educação de qualidade.”

Osmar Zogbi

“Focamos educação porque é ela que fará a maior diferença no Brasil.”

Carol Civita

A Fundação Otacílio Coser (FOCO) incorpora essa abordagem. Concentrando basicamente seu apoio em educação e voluntariado, a Fundação procura, de um modo geral, “*estimular o crescimento e o desenvolvimento de comunidades... [e] contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade melhor*”²³. Através da Rede Escolai (uma rede de integração entre escola, família e comunidade), a Fundação fez parcerias com governos estaduais e municipais e com colaboradores do setor privado, para criar um sistema escolar mais participativo, colaborativo e democrático em 23 escolas públicas. Outros projetos visam estimular a conscientização ambiental e responsabilidade nas escolas e aprofundar as ligações entre as comunidades e empresas.

Populações vulneráveis e necessidades negligenciadas ganham atenção

Enquanto muitos dos investimentos sociais privados estão focados em educação e desenvolvimento comunitário, existem investidores sociais e fundações que se concentram em outras questões críticas, especialmente em populações e questões que, em sua percepção, recebem atenção insuficiente do estado e de outros investidores privados.

Desenvolvimento da primeira infância

A FMCSV é uma fundação familiar com um fundo patrimonial, que tem mais de 40 anos. Em 2001, a família (agora já na segunda ou terceira geração) passou por um rigoroso processo de planejamento estratégico, que culminou com a decisão de focar seus esforços no desenvolvimento da primeira infância, para ajudar as crianças desde sua concepção até os seis anos de idade a ter um bom e saudável começo de vida. Em 2008, a Fundação lançou o programa *Primeiríssima Infância*, para melhorar os serviços profissionais para mulheres grávidas e crianças pequenas, nas áreas de saúde, educação e assistência social. O programa beneficiou mais de 40.000 crianças e é executado em parceria com governos municipais em 13 cidades no Brasil²⁴. Ela também usa um rigoroso processo de diagnóstico, incluindo 50 indicadores que medem a qualidade do serviço, assim como análises para melhorar os cuidados e o próprio programa *Primeira Infância*. A FMCSV também trabalha para melhorar as políticas públicas e forma parcerias com o setor público, iniciativas privadas e a sociedade civil.

A meta é ampliar o alcance e impacto de suas intervenções sociais e aumentar a conscientização sobre temas relacionados com o desenvolvimento da primeira infância. Em 2012, a FMCSV investiu um total de R\$10 milhões (US\$3,8 milhões) em programas e projetos.

Os desamparados e desprivilegiados

Conforme observado acima, Filipe Sabara fundou a ARCAH em 2012, para trabalhar com moradores de rua, doentes mentais e viciados em drogas. A ARCAH procura prover habitação, serviços e reabilitação aos necessitados. Através de uma operação de uma pequena fazenda, a ARCAH proporciona reabilitação, educação, treinamento vocacional e reintegração, para mais de 60 pessoas sem teto por ano²⁵. Sabara espera aumentar esses projetos sustentáveis de cultivo no intuito de diminuir os moradores de rua e viciados em drogas urbanos, e transformar as vidas das pessoas através dos programas abrangentes da ARCAH.

Justiça para todos

Inês Mindlin Lafer e a fundação da família, o Instituto Betty e A. Jacob Lafer (Instituto Lafer), trabalha para assegurar equidade no sistema judiciário brasileiro. O foco reflete, honra e se beneficia de um profundo interesse da família em justiça e equidade: Lafer, o diretor do Instituto, obteve o grau de mestre em direitos humanos, uma disciplina também dada por seu pai, e um mestrado em administração pública. Esse foco não só reflete interesses e conhecimento e experiência pessoais, mas também uma decisão estratégica de focar em uma área específica que não é abordada por muitos investidores, isso para não falar de áreas em que seus recursos poderiam ter um grande impacto. O Instituto também investe em esforços das políticas públicas para incentivar a prestação de contas (*accountability*), estimular novas ideias e atuar na defesa de várias questões (por exemplo, drogas, segurança pública e meio ambiente).

Plataformas e estratégias filantrópicas

Procurando criar mudanças sistêmicas e sustentáveis, investidores sociais no Brasil usam uma grande variedade de estratégias e plataformas para essa finalidade. Embora o ambiente jurídico, as tradições caritativas e a opinião pública tenham, de alguma forma, limitado as práticas de filantropia, as entrevistas deste estudo sugerem que existe espaço para criatividade e inovação no investimento social privado. Ademais, está claro que muitas pessoas já comprometeram considerável capital financeiro, intelectual e social, para solucionar alguns dos desafios mais críticos do país.

Uma abordagem movida a resultado para investimentos sociais

As entrevistas no Brasil sugerem que muitos investidores sociais adotam uma abordagem voltada para resultados aos investimentos sociais. A começar pelo problema a ser endereçado – como as desigualdades de educação, justiça inadequada, iniquidade nos serviços de saúde ou deficiências do desenvolvimento da primeira infância – esse tipo de abordagem compreende diversas características chave. Essa abordagem foca em objetivos e metas e reconhece que as soluções provavelmente exigirão estratégias múltiplas e interligadas. Ela também reconhece que grandes desafios exigem uma visão e um compromisso de longo prazo, e que o período para resolvê-los será provavelmente geracional. Por fim, ela se dá conta de que grandes mudanças frequentemente exigem colaboração e parcerias.

Dois exemplos dessa abordagem são o *Instituto Inspirare* e a *FMCSV*. Ambas usam estratégias múltiplas e inter-relacionadas, inclusive influenciando políticas, desenvolvendo conhecimentos e melhorando as práticas profissionais. O *Instituto Inspirare* está desenvolvendo também inovações capazes de mudar o jogo.

As instituições filantrópicas mostram uma gama de plataformas, captação de recursos e modelos operacionais

Plataformas filantrópicas

A maioria dos entrevistados no Brasil fazem suas doações e investimentos sociais através de instituições formais, que representam uma variedade de modelos organizacionais. Na amostra limitada deste estudo, a maioria usava fundações ou institucionais privadas e não empresariais. Todas as instituições eram familiares, com os membros da família desempenhando papéis de liderança. Da mesma forma, mais de dois terços dos entrevistados indicaram que usavam uma fundação familiar ou privada para suas doações, enquanto aproximadamente 15% usavam uma empresa pessoal/familiar. Outras plataformas mencionadas incluem organizações sem fins lucrativos com foco mais amplo, institutos familiares, fundações comunitárias e grupos intermediários.

Algumas pessoas e instituições usam uma combinação de plataformas ou organizações para alcançar seus objetivos. Por exemplo, Ana Lucia Villela, fundadora do *Instituto Alana* e organizações afins, descreveu como constituíram estruturas para maximizar as sinergias, por exemplo, ferramentas e abordagens, de três diferentes instituições. O *Instituto Alana*, constituído em 1994, é uma entidade sem fins lucrativos que opera seus próprios projetos com a renda de um fundo patrimonial, enquanto a *Alanapar*, constituída em 2014, foca o mercado de negócios sociais, e a *Fundação Alana (Alana Foundation)*, sediada nos Estados Unidos, é uma fundação de doações que apoia pesquisas inovadoras “capazes de mudar o mundo”.

Fontes de financiamento

Entre os entrevistados que constituíram instituições filantrópicas formais, as fontes de recursos variam bastante. Como em outros países neste estudo, as instituições filantrópicas frequentemente recebem recursos substanciais de seus fundadores, mas muitas vezes procuram também recursos de outras fontes.

Apesar de, conforme observado acima, existirem poucos incentivos para a constituição de fundos patrimoniais no Brasil, várias fundações, incluindo a *FMCSV*, a *Fundação Civita* e o *Instituto Alana* têm fundos patrimoniais. As razões para a criação de fundos patrimoniais variam, mas podem incluir um meio de assegurar uma perpetuidade, para aumentar o profissionalismo e para despersonalizar os esforços. Ana Lucia Villela observou, “*Criamos um fundo patrimonial porque queríamos que o Instituto fosse independente de mim*”.

As instituições que não têm fundo patrimonial são financiadas por uma variedade de fontes, incluindo membros da família, lucros empresariais, outras fundações, conhecimentos pessoais e empresariais, contribuições de empresas não associadas e do público em geral. Diversos membros da família doaram recursos financeiros ao *Instituto Inspirare*, assim como pelo menos um dia da semana na forma de capital social e intelectual não financeiro. A família Senna destina todos os royalties da marca Ayrton Senna para o Instituto. Metade da base de financiamento do Instituto compreende esses royalties, inclusive as operações de licenciamento com empresas brasileiras e internacionais além de um personagem de desenho animado sobre Ayrton Senna usado em histórias em quadrinho, jogos, brinquedos e outros produtos infantis; a outra metade compreende doações de empresas e de pessoas.

Modelos operacionais

Como em outros países deste estudo, há um mix de estratégias operacionais e de doações entre as fundações e instituições, enquanto umas empregam uma só estratégia ou outra, a maioria tem uma abordagem híbrida. Dito isso, a dicotomia influenciada pelo ocidente de operações/doações pode não ser tão relevante no Brasil (ou em outra parte). Conforme descrito acima, muitas pessoas começam com uma abordagem baseada em resultado ou em um problema, e constituem as plataformas institucionais e modelos operacionais que mais provavelmente venham a alcançar seus objetivos, muitas vezes usando uma série de abordagens.

Entre os entrevistados, 50% de seus recursos foram gastos operando diretamente programas e 28% foram usados para doações a terceiros. Esses dados são muito semelhantes ao do censo do *GIFE*, no qual 55% dos recursos foram para operações de programas e 29% para doações a outros²⁶.

Nas entrevistas deste estudo, o *Instituto Lafer* foi a única entidade que se descreveu como uma organização de doações. Essa foi uma decisão consciente baseada nos recursos disponíveis e na natureza dos problemas que o Instituto se comprometeu a resolver. Ele emprega pessoal não pago, como parte do esforço de manter as despesas operacionais ao mínimo, e acredita que pode ter um impacto bem maior fortalecendo programas existentes e apoiando o trabalho de especialistas.

Outras entidades, trabalhando em diferentes questões e/ou com mais recursos, acham que podem ter mais impacto operando seus próprios programas. Por exemplo, Viviane Senna explicou que o instituto da família inicialmente dava recursos para terceiros, mas não via grande impacto. Dados o escopo e a escala do problema, a família determinou que trabalhar diretamente com as escolas públicas era uma ferramenta mais eficaz.

A *FMCSV* é um bom exemplo de abordagem híbrida. Dario Guarita Neto explicou que a *FMCSV* usa recursos de doações para apoiar pesquisadores no desenvolvimento de novos conhecimentos críticos, e opera seus próprios programas para testar ideias e melhorar práticas.

Uma consequência de um quadro filantrópico largamente caracterizado por um modelo operacional é o fato de os recursos disponíveis serem limitados para apoiar e estimular a sociedade civil. Entre as pessoas entrevistadas, diversas destacaram a necessidade de desenvolver a sociedade civil brasileira através de doações para organizações sem fins lucrativos, mesmo quando isso não era prioridade para suas próprias organizações. As organizações profissionais, tais como o *GIFE* e o *IDIS*, também promovem a importância das doações para a sociedade civil.

“O interesse no investimento de impacto, especialmente entre a geração mais jovem, está verdadeiramente crescendo. Precisamos encontrar formas de apoiar isso.”

Daniela Nascimento Fainberg

“O Instituto Inspirare vê investimentos de impacto na inovação educacional, como meio de estimular inovações e subsidiar os custos de outros investimentos sociais essenciais.”

Bernardo Gradin

Parcerias Percebidas como Chave

Colaboração e parceria são frequentemente parte de uma abordagem de investimento social baseada em resultado, e várias das pessoas entrevistadas falaram positivamente sobre suas parcerias com organizações privadas e entidades públicas. Bernadette Coser referiu-se a diversas parcerias, incluindo uma com o Banco Interamericano de Desenvolvimento e a Rede Globo, entre outros. Osmar Zogbi disse: *“Temos desafios urgentes. Há necessidade de um maior número de doadores trabalhando junto e com governos estaduais e federais”*. Dario Guarita Neto ressaltou: *“Nossa meta é alavancagem. Nossa esperança é dobrar investimentos através de coinvestimentos”*.

Entre os entrevistados, quase metade disse que colaboraram com outros filantropos e 60% disseram que esperavam fazê-lo nos próximos dois anos. Carol Civita disse que havia crescente interesse em fundos comuns no Brasil.

Investimento de impacto em expansão

Entre os entrevistados e pesquisados havia um interesse significativo em investimentos de impacto e outras estratégias emergentes de investimentos sociais. Ao mesmo tempo, algumas pessoas se opuseram à abordagem, acreditando que a filantropia e os investimentos sociais deveriam focar apenas o retorno social e não financeiro. Conforme observado anteriormente, parece que existe uma vontade e ansiedade de explorar diferentes estratégias para abordar desafios significativos. Para algumas pessoas, investimento de impacto é visto como uma de muitas ferramentas.

De acordo com um relatório da Bain and Company sobre investimentos de impacto na América Latina, o Brasil tem a maior parte do capital investido da região: US\$180 milhões de um total de aproximadamente US\$800 milhões em toda a região²⁷. Várias organizações estão promovendo o crescimento do setor. Como parte de um esforço global de desenvolvimento do campo de investimento de impacto, a Fundação Rockefeller fez convocações em diversos mercados emergentes ao redor do mundo, para engajar investidores no Global South. Em colaboração com a Fundação Avina e a Omidyar Network, ela organizou o primeiro fórum em São Paulo, em 2012, focando a identificação de barreiras e oportunidades para maiores investimentos de impacto na região. Após o fórum, os três iniciaram o Fundo de Inovações Econômicas de Impacto Latino Americano, para prover financiamentos a empreendimentos e empreendedores sociais para desenvolver o setor²⁸. Dos seis prêmios concedidos, três eram para empreendimentos baseados ou trabalhando no Brasil²⁹.

Um exemplo de abordagem de investimento de impacto é a *Artemesia*. Fundada em 2004, a Artemesia tem influenciado a promoção de empreendedorismo social e investimento de impacto por mais de uma década³⁰. Em 2014, a entidade coorganizou o Fórum Brasileiro de Finanças Sociais e Negócios de Impacto, que reuniu quase 600 empreendedores e investidores sociais, fundações e empresários, para discutirem inovações e oportunidades para as ações e investimentos sociais privados. Desse fórum, várias pessoas ajudaram a lançar a *Força Tarefa de Finanças Sociais*, para aumentar a conscientização, destacar oportunidades de investimento e promover o setor crescente de finanças sociais no Brasil.

Entre os entrevistados, aproximadamente 60% estavam interessados em investimentos de impacto; 66% em filantropia de risco (*venture philanthropy*), definida como *“construindo organizações sociais mais fortes, provendo-as com apoio financeiro e não financeiro, de modo a aumentar seu impacto social”*; e mais de 75%, no conceito do impacto coletivo, definido como *“trabalhar com players no governo, na sociedade civil e no setor empresarial em um esforço estruturado e coordenado para resolver problemas sociais complexos”*.

Olhando para o futuro: Desafios e oportunidades

As pessoas entrevistadas no Brasil são filantropos ativos e engajados e não expressaram muitos obstáculos significativos para suas próprias doações – salvo uma escassez de recursos que possam eficazmente tratar dos problemas. Muitas pessoas estavam otimistas sobre a trajetória do investimento social no país. Ao lado desse otimismo geral, no entanto, os entrevistados observaram vários desafios que, em suas opiniões, dificultavam as pessoas com patrimônio elevado a se tornarem mais ativas, e que limitavam os impactos gerais sobre o investimento social no Brasil. Entre os desafios, os principais são a falta de cultura de investimentos sociais (ou talvez de um senso de comunidade que levaria as pessoas a fazer esses investimentos), uma falta de confiança no setor sem fins lucrativos, e o ambiente jurídico e fiscal para doações privadas. Diversas pessoas deram sugestões concretas e criativas sobre como tratar essas barreiras e criar um quadro filantrópico mais forte, engajado e eficaz.

Desenvolvendo um melhor ambiente jurídico e fiscal

Tanto investidores sociais, como especialistas do setor, veem os ambientes de políticas normativas e fiscais no Brasil como um dos obstáculos mais críticos para maiores investimentos sociais. Como um filantropo observou: *“O foco da legislação atual é o de preservar capital, no lugar de gastá-lo em empreendimentos sociais”*. E Dario Guarita Neto explicou que, em sua opinião, *“Precisamos ter um quadro menos regulado. A política relacionada a doações é limitada e regulamentada demais”*.

De forma otimista, mais da metade dos entrevistados disseram que incentivos fiscais mais favoráveis os motivariam a aumentar seus próprios níveis de doação, e que um ambiente legal e fiscal certamente ajudaria a aumentar doações em geral no Brasil. Enquanto havia uma gama de opiniões sobre mudanças de políticas específicas que estimulariam mais doações, alguns dos entrevistados acreditavam que as seguintes ações poderiam ajudar: criação de políticas para proteger fundos patrimoniais; aumento do teto de 6% da dedução do imposto de renda para doações; remoção da penalidade fiscal estabelecida sobre doações acima de US\$25.000; e estabelecimento de uma alíquota maior sobre imposto sobre heranças.

Demonstrando impacto

Um tema comum que surgiu das discussões foi a necessidade de claras evidências de que o engajamento em filantropia pode mesmo fazer a diferença. Entre os entrevistados *“mais evidência de que as doações podem facilitar mudanças”* foi – depois de incentivos fiscais – a segunda mais importante questão que os motivaria a doar mais pessoalmente, e o fator mais importante para ajudar a desenvolver a filantropia no país. Enquanto os participantes do estudo que já estão profundamente engajados em investimentos sociais estão convencidos de seu impacto e potencial, muitos indicaram que eles ficariam muito interessados em melhor compreender as atividades e os impactos de outros investidores sociais no país.

Tanto o *GIFE* como o *IDIS* já têm programas que os ajudam a compartilhar experiências e melhores práticas sendo excelentes plataformas para desenvolver e disseminar ainda mais conhecimentos. Conforme descrito acima, muitas pessoas também acharam que se investidores sociais individuais pudessem demonstrar e demonstrassem o impacto de suas ações para outras pessoas de patrimônio elevado, o público, o governo e a mídia, tal esforço poderia persuadir mais pessoas a investir, assim como promover políticas governamentais mais favoráveis.

Mudando as percepções sobre o papel das doações e do investimento social

Muitas pessoas acreditam que um dos maiores obstáculos para um investimento social mais amplo no Brasil é a percepção entre pessoas com patrimônio elevado e o público, de que o papel das doações privadas deveria ter um caráter caritativo no lugar de catalítico. Em outras palavras, ele deveria visar o alívio do sofrimento imediato e prover as necessidades básicas, em vez de procurar abordar questões subjacentes e criar mudança social sustentável.

Marcos Kisil, fundador da *IDIS*, explica: *“Prover educação de qualidade, assistência à saúde e outros serviços humanos é visto como responsabilidade do Estado, e a solução de iniquidades ou falhas nesses sistemas são vistas como obrigação do Estado. Essa percepção é um dos maiores desafios para desenvolver o setor de investimentos sociais no Brasil. Temos que ver esses problemas como sendo de todos nós, e estimular a todos a fazer parte das soluções”*.

Apesar desses desafios de mudar o modo tradicional de pensar sobre doações, este estudo mostra que uma série de pessoas e famílias está ativamente envolvida no investimento social. Como vários entrevistados expressaram, parece que está havendo um sentimento crescente de que enormes disparidades econômicas e sociais são tanto “*moralmente erradas*”, como altamente contraproducentes para o desenvolvimento da economia brasileira e de sua infraestrutura e sistemas sociais, José Carlos Reis de Magalhães vê pouca diferença entre o desenvolvimento empresarial e o social. Em sua opinião, valores devem escorar os lucros, “*Você não consegue ter um sem o outro*”. Bernadette Coser destacou: “*Vejo, definitivamente, que mais famílias estão se envolvendo com investimentos na sociedade civil do Brasil. Muitas estão começando a ver isso como sua responsabilidade social para incentivar os meios de desenvolvimento*”. As pessoas que participaram neste estudo ofereceram uma série de exemplos de inovação e inspiração; alavancar este trabalho através de lideranças mais visíveis apresenta oportunidades promissoras.

Incentivando um senso de comunidade

Muitas pessoas expressaram a visão de que, apesar das tendências que estão surgindo na área de investimento social, persiste ainda um senso limitado de comunidade, coesão social e responsabilidade social entre brasileiros de diferentes classes econômicas e sociais. As pessoas com patrimônio elevado são descritas como “*vivendo em seu próprio mundo e não no Brasil*”. Um filantropo destacou: “*A elite vive em uma bolha. Por cinco séculos ela só pensou nela*”. Desde os primórdios da colonização do país e da economia de plantações através da longa história de escravidão e décadas de extração de recursos naturais por estrangeiros, as riquezas do Brasil beneficiaram uma pequena minoria, com pouca ênfase no desenvolvimento de uma sociedade igualitária ou senso de coesão social. Vinte anos de regime militar, um período no qual o desenvolvimento e organização comunitários poderiam ser vistos como subversivos, foi outra barreira para o desenvolvimento de uma ampla afinidade ou coesão social.

Diversas pessoas sugeriram que uma forma chave para aumentar o investimento social no longo prazo seria integrar conceitos de cidadania e serviços comunitários nos currículos escolares desde a mais tenra idade. Carol Civita disse: “*Precisamos começar a desenvolver um senso de comunidade e de cuidados desde muito jovens. Precisamos ensinar nossas crianças de que, como o Homem Aranha, “Grandes poderes trazem grandes responsabilidades”*”.

Criando capacidades e credibilidade no setor sem fins lucrativos

Reforçar o setor e organizações sem fins lucrativos no Brasil pode ser crítico para o crescimento da filantropia e de investimentos sociais no país. Os participantes neste estudo sugeriram que muitas organizações sem fins lucrativos são vistas como organizações fracas, que não prestam contas e tem falta de profissionalismo, e cujas reputações foram manchadas no passado por escândalos e corrupção. Marcos Kisil, assim como mais da metade dos entrevistados, acredita que isso seja um dos três maiores desafios para o desenvolvimento do setor filantrópico. Osmar Zogbi comentou: “*80% das organizações sem fins lucrativos existem por existir*”, sem claros objetivos, resultados demonstráveis ou relatórios de auditoria regulares e disponíveis para o público.

Apesar de mencionados com menor frequência, outros atributos de investimento social e sociedade civil podem contribuir para essas percepções. A maioria dos investidores sociais escolheu operar seus próprios programas, e não apoiar o trabalho de terceiros; dessa forma não estão contribuindo para uma sociedade civil mais forte. Poucas das pessoas entrevistadas viam “apoio para uma sociedade civil forte” como um objetivo explícito. Partes da sociedade civil, como grupos de direitos humanos e de defesa, eram desenvolvidas em larga escala e apoiadas principalmente por fundações internacionais. De acordo com um relatório da McKinsey, o apoio de organizações sem fins lucrativos por doadores americanos caiu aproximadamente 70% entre 2002 e 2006³¹. Esses grupos são percebidos como sendo ONGs mais internacionais do que brasileiras.

As pessoas destacaram rapidamente que existem exceções (ONGs altamente respeitadas e bem administradas) que são capazes de captar contribuições privadas. Algumas achavam que ter organizações talentosas e profissionais conectadas com doadores potenciais em uma configuração mais empresarial, poderia mudar algumas atitudes sobre como usá-las. Adicionalmente, elas poderiam também desempenhar um papel de liderança na orientação de entidades sem fins lucrativos e com baixo desempenho que se mostram promissoras, assim como novas organizações nessa área. E porque um número das pessoas entrevistadas reconheceu que a sociedade civil desempenha um importante papel na democracia do país – embora somente algumas pessoas viam o apoio da sociedade civil como uma de suas metas – elas parecem estar abertas a novas formas de promover mudanças positivas no Brasil.

Conectando doadores potenciais: do isolamento a inspiração

O Brasil se orgulha de diversas grandes e importantes organizações que apoiam e inspiram filantropos no país. Muitas pessoas foram rápidas em indicar os papéis críticos desempenhados pelo *GIFE* e pelo *IDIS*. Ao mesmo tempo, acreditam que muitos investidores sociais correntes e potenciais precisam de mais oportunidades para se engajar, aprender e inspirar um com o outro. Adicionalmente, reconhece-se de que conhecimento, dados e informações mais confiáveis sobre o setor poderiam ajudar a aumentar o aprendizado, a colaboração e o impacto decisivo do investimento social. Conforme Bernadette Coser refletiu, não existe no país uma tradição de doadores trabalharem juntos. Esse é o caso, muito embora muitas pessoas pareçam estar muito comprometidas com as mesmas causas: desenvolver o bem estar social, melhorar a educação e a assistência à saúde em todas as comunidades da nação.

Várias pessoas sugeriram a importância de mais oportunidades para reunir seus pares e, para aqueles que estão efetivamente engajados em filantropia, falar sobre o que estão fazendo, o impacto que estão tendo e seus sentidos pessoais de paixão e propósito. Carol Civita, Viviane Senna e Ana Lucia Villela, todas falaram a respeito de suas relutâncias iniciais de falar sobre seus trabalhos, mas agora compreendem que as pessoas podem ser inspiradas por suas ações e, espera-se, induzidas a fazê-las quando ouvirem suas histórias.

Outras mencionaram a importância de novas iniciativas que podem facilitar as pessoas a se tornarem mais ativas e, em especial, apoiar aqueles que querem fazer doações em vez de operar seus próprios programas. Daniela Nascimento Fainberg observou que existem muitas pessoas *“interessadas, que querem fazer o bem, porém não têm tempo, nem esforço. Precisamos de mais formas de encorajar e apoiar essas pessoas”*.

As pessoas entrevistadas para este estudo são exemplos de investidores sociais. Elas doam recursos financeiros e outros, generosamente, estrategicamente e com um desejo imenso de melhorar a vida dos mais necessitados, e demonstram uma compaixão inspiradora, um compromisso, uma habilidade e um impacto. No entanto, existe o consenso de que esse grupo não é representativo; somente uma fração das pessoas que tem meios de contribuir o fazem. O desafio é o de persuadir outras de trazer seus próprios recursos em prol do bem comum. Uma melhor compreensão dos resultados tangíveis dos investimentos sociais, mais oportunidades para o engajamento de seus pares e um ambiente de políticas mais favorável, poderiam ajudar a encorajar outras pessoas, e fazer da filantropia e dos investimentos sociais no Brasil, uma verdadeira força de mudança social.

- ¹ "PIB (US\$ corrente)," Banco Mundial, <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD>
- ² "Crescimento do PIB (anual %)," Banco Mundial, <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>
- ³ "Visão Regional," Capgemini & RBC Wealth Management, <https://www.worldwealthreport.com/reports/population/latin-america/brazil>
- ⁴ Anderson Antunes, "The Richest People in Brazil in 2013," *Forbes*, 9 de setembro de 2013, <http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/09/09/the-richest-people-in-brazil-2013-the-full-list/>
- ⁵ Anderson Antunes, "The Fifteen Richest Families in Brazil," *Forbes*, 13 de maio de 2014, <http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2014/05/13/the-15-richest-families-in-brazil/>
- ⁶ Deborah Wetzel, "Bolsa Família: Brazil's Quiet Revolution," *Banco Mundial*, 4 de novembro de 2013, <http://www.worldbank.org/en/news/opinion/2013/11/04/bolsa-familia-Brazil-quiet-revolution>
- ⁷ "Poverty & Equity, Brazil," Banco Mundial, <http://povertydata.worldbank.org/poverty/country/BRA>
- ⁸ "Índice de GINI (Estimativa do Banco Mundial)," Banco Mundial, <http://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI>
- ⁹ GIFE, *Censo GIFE 2011-2012*, (São Paulo: GIFE, 2013), 15, <http://www.gife.org.br/arquivos/publicacoes/28/Censo%20GIFE%202011-2012.pdf>
- ¹⁰ Shari Turitz e David Winder, "Private Resources for Public Ends: Grantmakers in Brazil, Ecuador and Mexico," in *Philanthropy and Social Change in Latin America*, eds. Cynthia Sanborn e Filipe S. Portocarrero, (Cambridge: Harvard University David Rockefeller Center for Latin American Studies, 2005), 265.
- ¹¹ Fábio Deboni, *Investimento Social Privado no Brasil: Tendências, Desafios e Potencialidades*, (Brasília: Instituto Sabin, 2013), 24, <http://gife.issuelab.org/resource/investimento-social-privado-no-brasil>
- ¹² Van Evans, *Grantmaking and Foundations for Latin America and the Caribbean*, (Arlington: Council on Foundations, 1º de julho de 2012), <http://www.issuelab.org/resource/grantmaking-and-foundations-for-latin-america-and-the-caribbean-2010-2012>
- ¹³ Center for Global Prosperity, *Philanthropic Freedom Pilot Study: Brazil Country Report*, (Washington, D.C.: Hudson Institute, 28 de março de 2013), 5, <http://s3.amazonaws.com/media.hudson.org/files/publications/Brazil.pdf>
- ¹⁴ Center for Global Prosperity, 4.
- ¹⁵ Center for Global Prosperity, 2.
- ¹⁶ Maggie Jaruzel Potter, "Helena Monteiro explains WINGS' role in philanthropy," *Charles Stewart Mott Foundation*, 10 de janeiro de 2012, <http://www.mott.org/news/news/2012/20120104HelenaMonteiroInterview10QuestionsIn10Minutes>
- ¹⁷ GIFE, 37.
- ¹⁸ "Relatório Anual 2013," Fundação Victor Civita, <http://www.fvc.org.br/pdf/relatorio-anual-2013.pdf>
- ¹⁹ Porvir, <http://porvir.org/en/about>
- ²⁰ "Iniciativas Empreendedoras," Inspirare Instituto, <http://inspirare.org.br/en/category/iniciativas-empreendedoras>
- ²¹ "Relatório Anual 2013," Fundação Lemann, <http://www.fundacaolemann.org.br/uploads/arquivos/annualreport2013.pdf>
- ²² GIFE, 37.
- ²³ Fundação Otacílio Coser, <http://www.foco.org.br/index.php?id=institucional/missao/index.php>
- ²⁴ Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, <http://www.fmcsv.org.br/en-us/como-fazemos/Pages/default.aspx>
- ²⁵ "Changemakers: Profile of ARCAH," Ashoka, 30 de julho de 2014, <http://www.changemakers.com/project/arcah>
- ²⁶ GIFE, 31.
- ²⁷ Andre Leme, Fernando Martins e Kusi Hornberger, "The state of impact investing in Latin America," *Bain & Company*, 21 de novembro de 2014, <http://www.bain.com/publications/articles/the-state-of-impact-investing-in-latin-america.aspx>
- ²⁸ "Impact Investing," Rockefeller Foundation, <http://www.rockefellerfoundation.org/our-work/current-work/impact-investing/events>
- ²⁹ Margot Brandenburg, "Winners of the Latin American Impact Economy Innovations Fund," *Rockefeller Foundation*, 19 de março de 2013, <http://www.rockefellerfoundation.org/blog/winners-latin-american-impact-economy>
- ³⁰ Artemisia, <http://artemis.org.br/Default.aspx>
- ³¹ "A Eficácia dos Investimentos Sociais no Brasil," *McKinsey & Company*, 8 de julho de 2008, http://www.mckinseyonsociety.com/downloads/reports/Social-Innovation/Relatorio_Filantropia.pdf

Publisher: UBS Philanthropy Advisory; Hauser Institute for Civil Society, Harvard University **UBS Philanthropy Advisory:** *Equipe do Projeto:* Sílvia Bastante de Unverhau, Kai Grunauer-Brachetti, Anna-Marie Harling **Hauser Institute for Civil Society, Harvard University:** *Grupo de Estudos:* Paula Doherty Johnson, Christine Letts, Colleen Kelly, Aviva Argote *Assessores:* David Gergen, Merilee Grindle **Contatos:** UBS AG, *Philanthropy Advisory*, P.O. Box, 8098 Zurique, Suíça, email: sh-philanthropy-advisory@ubs.com; *Hauser Institute for Civil Society*, Harvard University, 79 JFK Street, Cambridge, MA 02138, Estados Unidos, email: paula_johnson@hks.harvard.edu **Design:** BLYSS, Zurique **Tradução:** Ilona Antonie Beer

Disclaimer/Isenção de Responsabilidade

As opiniões e análises expressas neste relatório são as dos autores e não refletem necessariamente as do Hauser Institute, da John F. Kennedy School of Government ou da Harvard University. Essas opiniões podem não estar alinhadas com as do UBS e do seu Chief Investment Office.

Esta publicação foi preparada exclusivamente para fins informativos e não deve ser interpretada como uma solicitação ou oferta para comprar ou vender quaisquer valores mobiliários ou instrumentos financeiros ou de qualquer outro serviço específico. Apesar de todas as informações e opiniões expressas neste documento terem sido obtidas de fontes que acreditamos serem confiáveis e de boa fé, nenhuma declaração ou garantia, expressa ou implícita, é feita com respeito a sua precisão ou integralidade. Todas as informações e opiniões indicadas estão sujeitas a alterações sem aviso prévio. Determinados serviços e produtos estão sujeitos a dispositivos legais e, portanto, não podem ser oferecidos mundialmente de forma irrestrita. O UBS não pode e não oferece qualquer aconselhamento jurídico, contábil ou fiscal. Em vista disso, você não deve interpretar o conteúdo desta publicação como recomendação ou aconselhamento jurídico, fiscal, contábil ou consultoria de investimento. O UBS recomenda a todas as pessoas que estiverem considerando empreender atividades filantrópicas, obter aconselhamento apropriado e independente, jurídico, fiscal e outros profissionais. Esta publicação não pode ser reproduzida ou distribuída sem a autorização prévia do UBS.

© UBS 2015. O símbolo chave e UBS estão entre as marcas registradas e não registradas do UBS.
Todos os direitos reservados.

